



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Conduzindo o tornar-se: amor e desejo nas primeiras autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos

Autoria: Luiza Ferreira Lima (USP - Universidade de São Paulo)

O presente work se propõe a investigar um aspecto temático recorrente em autobiografias de pessoas trans: os efeitos do amor e do desejo, e de relações fundadas nessas emoções, na trajetória das pessoas biografadas. Parte de minha pesquisa de doutorado, que se debruça em perspectiva comparada sobre processos de subjetivação inscritos em e produzidos por biografias e autobiografias elaboradas por ou sobre pessoas transexuais e publicadas no Brasil e nos Estados Unidos, neste paper me concentro em 6 obras: ?Christine Jorgensen?, de Christine Jorgensen (1967), ?Emergence?, de Mario Martino (1977), e ?Second Serve?, de Renée Richards? (1983), publicadas nos Estados Unidos; e ?A Queda Para o Alto?, de Anderson Herzer (1982), ?Erro de Pessoa?, de João W. Nery (1984), e ?Meu Corpo, Minha Prisão?, de Lorys Ádreon (1985), publicadas no Brasil. Tidos, em seus respectivos países, como os primeiros escritos autobiográficos que lograram penetrar e participar do debate público ainda incipiente sobre transexualidade e transição de gênero, esses dois trios de obras se mostraram formas potentes de reivindicação da viabilidade e da verdade de processos de subjetivação através da narrativa histórico-literária da experiência. O desenvolvimento de si registrado/produzido em texto é marcado pela centralidade das relações de afeto em termos de apresentação de limites e possibilidades de existência, bem como de engendramento de vulnerabilidade e reconhecimento. Em especial, relações que despertam amor e desejo afetam o modo como as pessoas biografadas dão inteligibilidade a si mesmas, imaginam o futuro e se engajam em processos de



transformação corporal. Essas emoções e os vínculos que nelas se sustentam, assim, não têm apenas destaque temático; estimulam permanências e transformações, bem como a celeridade ou retardamento destas. Participam da organização temporal da trajetória narrada. Subjacentes a esses movimentos estão modelos de masculinidade e feminilidade, padrões normativos de sexualidade e regimes de moralidade. Considerando a articulação entre condições histórico-sociais que estruturam a existência da produção literária, este work é norteado pelas seguintes questões: como elaborações e valorações de amor e desejo nas obras interagem com os respectivos contextos nacionais? De que modo essas emoções e os vínculos nelas fundados participam do processo de imaginação de identidades e futuros possíveis e desejados e interferem em projetos de materialização e incorporação dessas identidades, bem como seus ritmos? Qual a relação entre o desenho dessas emoções e vínculos e a disputa por atribuição de legibilidade e legitimidade a subjetividades trans?

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: